



As lagrimas de Antonio Silvino por Tempestade

Eu estava na fazenda Grossos
Com um camarada meu,
Quando chegou um rapaz
E um recado me deu :
—Manda dizer meu padrinho
Que soube que em Canhotinho
O Tempestade morreu.

Esse recado me pôz
Até a cabeça tonta.
Exclamei :—perdi um rifle
Que nada levava em conta !
Cangaceiro sem igual,
Perdi agora um punhal
Que nunca virou a ponta.

Tive muitos cangaceiros
Que quando os tinha a meu lado,
Como bem, elle e Relampago,
João Velho e Joaquim do Gado,
Eu ia até me assentar
Para poder escutar
Os tiros de Pilão Deitado.

Nos cangaceiros que eu tinha
Não havia um insolente,
Pegava-se em um daquelles
Era uma alma innocente,
Não sendo seus intrigados
Eram por elles tratados
Muito delicadamente.

Pelo que vejo o governo
Acaba meus companheiros,
Acha que eu devo morar
Nos bosques e nos oiteiros,
Já não posso me atrever,
Chego ao ponto de perder
Semente dos cangaceiros.

Relampago está na prisão
Para toda eternidade,
Foi-se tambem Rio Preto
Por não ter sagacidade,
Sumiu-se Manoel Novato,
Mataram Joaquim Beato,
Perdi tambem Tempestade.

Estava virgem de chorar
Nessa minha pouca idade.
Porque até o presente
Não tinha necessidade.
Mas a hora foi enegada,

Botei lucto por Cocada,
Solucei por Tempestade.

Perdi um rifle de luxo,
Um punhal de confiança,
Fuzil que não mente fogo,
—Que perna de segurança!
Piloto destro no giro,
Cabra que nunca errou tiro,
A falla delle era—avança!

Inda vou á Garanhuns
Embora seja cidade,
Vou ao cemiterio e abro
A cova de Tempestade...
Vou lhe levar um punhal
Que é apenas um signal
De nossa grande amisade.

Chamarei a alma delle,
Lhe pergunto :—estás lembrada
Das façanhas que fizemos
Mais Rio Preto e Cocada?
Do negro que nós matemos
E de uma surra que demos
No pai daquelle anspeçada?

Uma vez em Imburana
Elle, eu, Relampago e Cocada,
Estavamos almoçando

Quando a casa foi cercada,
Elle pulou para fóra
E brigou mais de uma hora
Mastigando carne assada.

O pardavasco Relampago,
Esse chegou a dizer :
—Cubra a mesa com um panno!
Agora tenho que fazer..
Pegou um punhal no dente,
Disse : a comida está quente,
Bote que já venho comer.

Eram dezoito soldados
Que vinham de Pajehú.
Cinco paizanos de raça,
Brada-Mundo e Fogo-Crú,
Riacho-Negro e Caiçára,
E um tal de Capivara,
Todos cinco do Exú.

Esse tal Riacho Negro
Investiu logo Cocada,
Vib.ou-lhe os olhos e disse :
—Você morre, camarada !
Eu me criei numa serra
E vim hoje á sua terra
Não foi fazer caçada.

Esse eu passei-lhe uma bala
E disse a elle—collega

Deus te ajude e não me atraza.
Praga tam.lem não me pega,
Briga de tiro é um jogo,
Se o seu rifle mente fogo
Garanto que o meu não nega.

Esse tal de Brada-Mundo
Como uma cobra assanhada
Foi com punhal á Relampago
E atirou em Cocada...
Eu não olhei para traz
Vinham dois officiaes
Um deu-me um golpe de espada.

Então o tal Fogo-Crú
A' Tempestade investiu,
Baixou-lhe o rifle no peito
Que a fumaça inda o cobriu,
Tempestade ahi gritou-lhe :
—Collega, está um que dou-lhe !
E o bruto quieto cahiu.

Ahi dos cinco paizanos
Nós ficamos descançados,
Porque tres morreram logo
E dois estavam balleados.
O fogo sempre cessou,
O que nos atropellou
Foram dezoito soldados.

O Capitão Angelim

Disse:—eu posso me acalar,
Quem ficar vivo me enterre
Quem quizer pode chorar,
Nós todos somos humanos,
Perdemos cinco paizanos
Quem deseja mais ficar?

Pude dizer a Cocada:

—Veja se pode ir saindo,
O fogo está engrossando
A tropa está investindo,
Cocada pôde evadir-se
Na fumaça escapulin-se,
Nós ficamos resistindo.

Mrs Tempestade gritava

Corpo quem estava zombando:

—Oh! capitão Angelim,
O senhor está demorando,
Eu não bebo sangue ensosso,
Mandei botar o almoço,
Já ha de estar esfriando.

Ahi chegou um alferes

De S. José do Egypto,
Com dezessete soldados,
Cada qual o mais perito,
Eu disse:—meu camarada,

Uma bôa retirada

Torna-se um acto bonito.

A fumaça tapou tudo
Podemos nos retirar,
Eu atirei no alferes
Elle ahi foi descançar,
Quando tudo se safou
Tempestade convidou
A todos para almoçar.

Eu choro a falta que faz-me
Todos os meus companheiros,
Qual Carlos Magno chorou
Por seus doze cavalleiros!
Nada me faz distrahir
Não deixarei de sentir
A morte dos cangaceiros.

Com elles, venci affrontas,
Ganhei sommas de dinheiro,
Fiz medo a todas as classes,
Fiz figura de banqueiro,
Com elles venci questão,
Perdida na Relação,
Vinda do Rio de Janeiro.

Com elles nunca encontrei
Perigo que me affrontasse
Braço que me resistisse.

3
L

Nem homem que eu não matasse,
Nem duro que não morresse,
Nem cerco que não rompesse,
Nem lugar que eu não entrasse.

Nunca corri em perigo
Inda que lutasse um mez,
Vinte, trinta, para mim
Eram como cinco ou seis,
Porque as nossas proezas
Eram vinte fortalezas
Atirando de uma vez.

Hoje ando no sertão
E tenho a vida serena;
Passo por um, esse diz:
—Aquelle fez até penna;
Ninguém me ajuda na arte,
Estou como Bonaparte
Na ilha de Santa Helena!

Mas digo como elle disse:
—No degredo sem destino,
Inda sou Napoleão!
Sou grosseiro, já fui fino
Embora em grande perigo,
Olho p'ra mim e digo:
—Eu sou Antonio Silvino!

Os filhos perguntam as mães:
—Quem passa com tal destino?
Então as mães lhe respondem:
—Falla mais baixo, menino!
Aquelle que passa alli,
Governa tudo isso aqui,
E' elle Antonio Silvino.

Hoje que estou sem amigos,
Não tenho um só cangaceiro,
Faço assustar a menino,
Vento parar no outeiro,
Quanto mais quando eu vivia
Com Relampago e Ventania,
Assustava o mundo inteiro!

Um rifle para atirar-me
Não tinha canno nem bala,
Soldado para prender-me
Não tinha arma nem falla,
Diziam: cercar aquelle,
Qualquer um que fôr a elle,
Bote a vidinha na mala.

Assim mesmo inda ha lugar
Que eu passando tocam hymno,
O preto pergunta ao branco,
Pergunta o homem ao menino:
Quem é aquelle que passa?

E responde o povo em massa :
Não é Antonio Silvino ? !

Pergunta o valle ao outeiro,
O iman á exalação,
O vento pergunta á terra,
E a brisa ao furacão,
Respondem todos em côro :
Esse é o rifle de ouro,
Governador do sertão !

O sorteio militar

Alerta ! rapaseada !
O tempo não está de graça,
Moço, velho, cego e côxo,
Tudo agora assenta praça,
Bispo e vigario collado,
Vão todos ao páo de fumaça.

Para que fazer soldado
De velho, cego e menino ?
Está sem sal este mercado
Róe a porca e quebra o pino ?
Vamos ver se alistarão
Um, como Antonio Silvino.

Eu viagei para o norte,
E vi um pobre aleijado.
Me disse um visinho d'elle :
Aquelle está alistado.
— Mas para que serve aquillo ?
Perguntei ao delegado.

Então elle respondeu-me :
Esse não pôde escapar,
Só anda de quatro pés,
Mas, comtudo pôde andar,
A patria tem precisão
De alguém p'ra rastejar.

Outro tem um filho doudo
Com uma perna cortada.
Disse a elle o delegado :
Você vai, meu camarada,
Tem-se precisão de doudo,
Que é para atirar pedrada.

Disse o pai do pobre doudo :
— Que faz na guerra esse tolo ?
Cahio-me na rede é peixe,
E o que sahir vai no bolo,
Loucura não é defeito,
Ninguem briga com miolo.

Como vou eu sem ter pernas ?
Perguntou-me um auçião.

Respondeu o delegado :

—Vai na corcunda de um são,
Um leva você nas costas
E a espingarda na mão.

Um velho catimbozeiro,
Que tem alli no agreste,

Até eu disse ao juiz :

—Aquelle queira Deus preste,
Disse o juiz : vai tambem,
É leva, o cachimbo mestre.

Tinha um filho e uma viuva,
Sendo uma pobre mulher.

Disse ao filho : ora meu filho !

O governo não te quer.

O juiz disse : esse eu levo,

Arrume outro se quizer.

E se não estou enganado

Os Padres tambem irão

E ha de ficar bonito

Um Padre com cinturão,

Naquella batina preta

Fica de luxo o latão.

Disse um sertanejo velho :

—Não vou, venha quem quizer,

Compro a praça, embora gaste

Todos os bens que tiver

Vendo as bestas das meninas
E o mellado da mulher.

Me disse certa mocinha
Que em nossa casa vai,
Esta disse : lá em casa,
Tudo está dentro, não sai,
Não quizeram dispensar
Nem o porco de papai.

Até meu irmão mais velho
Que quebrou o espinhaço,
Furou o olho direito
E o doutor cortou-lhe o braço,
Disse o juiz : você vai,
Embora falte um pedaço.

Disse o juiz : uma arvore,
Se corta e deixa-se o tóco,
Ella cria novos galhos
Frutifica e não é pouco ;
Um homem cortando o braço
Briga bem com o côtoco.

A lei exige que ainda
Estando morto e enterrado,
Arranque-se o esqueleto
Para ser especionado,
Quando nada o povo diz :
— Isto é osso de soldado,

Uma velha tem um filho,
Que é feio que só perigo,
Perguntou quando alistou-se
Que faz a praça commigo?
Disse o juiz: praça feia
Faz assombrar o inimigo.

E não escapa ninguém,
Vai tudo a solla da vacca,
Está o Brazil emprensado,
Entre a porca e a macaca.
E o Governo bem quiéto
Dizendo: Felipe ataca!

O governo está dizendo
Quem não gostar coma menos,
Vá fazer queixas ao Bispo,
Faça os bocados pequenos,
Felizmente eu já sou grande
Não tenho medo de acenos.

Zé Churumella já disse:
—O governo me sorteia
Eu pego minha mulher
Vou liquidal-a na peia,
Fico livre do sorteio
Morra embora na cadeia.

E pegou Chica Tutano
Metteu-lhe o pau sem receio,

Um visinho inda lhe disse
Não faça isso que é feio...
Disse Churumella—isso
E' dóse contra o sorteio.

Dizia Chica Tutano:
—Viram que historia damnada?
O diabo dessa lei
Não veio mesmo envergada?
Alistaram meu marido
E eu é que fui sorteada...

O brasileiro se torce
Mais do que um paraiuso,
A secca aberta do norte,
Do sul aberta o abuzo.
O imposto bota na prensa,
O sorteio acocha o fuso.

João! dizia um sertanejo,
O mundo agora faz dó,
Tu cahiste no sorteio
Eu para não ficar só
Dei por você ao juiz
A burra de tua avó.

Quiz dar meu cavallo russo,
Elle não quiz receber,
A besta de tua mãe,
Elle podia querer,

Mas assim quem carregava
Milho para nós comer ?

Meu pai respondia João
Dindinha fica damnada,
Inda hontem ella me disse :
Que a burra é muito estimada,
Ella mamou em Dindinha,
E' quasi sua enteada.

Eu sei com toda certeza,
Que queira Deus ella acceite,
O negocio já está feito,
Mas queira Deus, se aproveite
Aquella burra e mamã,
Sao duas irmãs de leite.

Meu filho, dizia o velho :
Isso não quer dizer nada,
Eu direi á sua avó,
Se acaso ficar massada :
Comadre faça de conta,
Que eu vendi minha cunhada.

Vejam lá que sacrificios
Neste mundo tem se dado,
Que quantidade de lagrimas
Já não se tem derramado
Só fica quem fôr doutor,
O mais tudo é confiscado.

